

SANTEIROS & IMAGINÁRIOS

"Jeová, nosso DEUS-Pai
O primeiro ceramista
O nosso divino artista
O Senhor Mestre Profundo
Do nada fez a argila
E depois de satisfeito
Com muito carinho e jeito
Com ela formou o mundo.

A sonhar neste Eldorado
Neste ingrato paraíso
Ele sonhou ser preciso
Um sonho dos sonhos seus
Do barro formando Adão
Deu-lhe sentidos e ecos
E assim nós somos bonecos
Dos santos sonhos de Deus".

JOSÉ GOMES, poeta popular

Fazendo o homem de barro, à sua imagem e semelhança, Deus foi o primeiro imaginário do Mundo. E foi, também, por força das circunstâncias, o único imaginário que não foi santeiro porque sua primeira e única imagem - "um sonho dos sonhos seus", como disse José Gomes, o poeta popular de Jabotão - violou as fronteiras da santidade que lhes foram impostas para se transformar, depois que conheceu Eva, num mísero pecador.

Desde então, com a culpa doendo na sua consciência, o homem procurou tornar real, material, palpável, através das mãos e de suas toscas ferramentas, acariciando o mesmo barro de que fora feito, ou esculpindo na madeira e na pedra, a imagem sonhada e imaginária de seus deuses que, muitas vezes, não passavam de temores vestidos de animais, como aconteceu no dia em que Moisés, de volta do Monte Sinai onde passara quarenta dias com quarenta noites orando para salvar seu povo, foi obrigado, de tão enfurecido que estava, a quebrar as tábuas da lei sobre seus companheiros que estavam adorando um bezerro de ouro.

Com o decorrer dos séculos, o homem foi se tornando cada vez mais pecador. Foi então que começaram a aparecer uns santos homens e umas piedosas mulheres, com seus corações cheios de amor a Deus e ao próximo e com os olhos iluminados pelas fogueiras do Inferno que destruíram Sodoma e Gomorra.

Esses homens e essas mulheres levavam uma vida de sacrifício e de sofrimento e quase todos morreram por seu Deus e por sua fé; e, como não existia outro meio de os povos guardarem suas memórias, os artistas populares começaram, então, a fazer - esses santos homens e essas piedosas mulheres - de barro, de madeira, de pedra para morarem nos santuários das famílias, protegendo-as do mal, da tentação, do pecado.

E os homens, pelo menos alguns/muitos deles, como são ainda tão maus,

passaram a usar as imagens dos santos, fazendo-as ocas - para contrabandear dinheiro falso, como aconteceu durante a colonização portuguesa no Brasil. E ainda hoje, quando uma moça é quieta, sonsa mas de olhos buliçosos, é chamada de **santinha-de-pau-oco**, por conter, dentro de si, qualidades que a gente, vendo-a tão pura por fora, não imagina que ela não as tenha por dentro.

No Nordeste brasileiro, Nordeste sofredor, pobre, esquecido, com suas secas e seus retirantes corajosos, e um sol forte com o olho bem grande queimando pastagens, água de açudes e esperanças - o povo é muito religioso, só tendo mesmo que apelar para Deus no sentido de pedir uma realidade para seus sonhos já tão gastos. E os santos enchem as salas de visitas e as camarinhas em toscas imagens de madeira ou de barro avivando a fé e a esperança de melhores dias.

Onde há barro bom e madeira gostosa de levar **quicé**, os santeiros estão sempre presentes com a arte e o destino que Deus lhes deu. Severino, Lídia, José Antônio, Regina, João Prudêncio, Nuca, Antônia Leão, Maria Amélia, Severina Batista, Zezinho de Tracunhaém, Daniel, Zé do Carmo (com seus anjos nordestinos), estão aí, enchendo o mundo de santos, ajudando a combater o Cão, multiplicando as esperanças de todos nós, nordestinos.

Meus parabéns, Vavá, pela exposição. Você é um danado. Obrigado por tudo que já fez, está fazendo e continuará a fazer pela cultura popular nordestina.

Fonte: MAIOR, Mário Souto. *Painel folclórico do Nordeste*. Recife: Editora Universitária, 1981. p 41-43.